

## A PAIXÃO TRANSFORMADA: HISTÓRIA DA MEDICINA NA LITERATURA

Moacyr Scliar

São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Se a doença é o lado reversível do amor, segundo Thomas Mann, então, como paixão transformada, ela manifesta elevados níveis de sensibilidade e transcendência que frequentemente conduzem o ser humano a realizar obras inesperadas. Seja ela transformada num estado espiritual transcendente, numa descoberta profissional ou numa obra literária, a doença tem sido uma musa inspiradora para a arte e a ciência. É o ofício do literato que tem beneficiado significativamente a simbiose doença/amor, numa perspectiva romântica, porém, ainda em voga nestes tempos pós-modernos se levamos em conta a manifestação cada vez mais crescente de escritas e escritores inspirados pela “paixão transformada”.

Nesta linha, temos uma obra histórico-literária do médico-escritor Moacyr Scliar sobre os momentos-chave da medicina mundial. Lendo o livro dos dois pontos de vista — literário e científico —, o leitor apercebe-se das qualidades e vantagens do duplo ofício de que o próprio autor vem se constituindo há tempos num exemplo vivo. A partir de citações extraídas de textos literários, memórias, diários, ensaios e aforismos escritos por médicos, escritores e médicos-escritores como Miguel Torga, William Carlos Williams e Oliver Sacks, Moacyr Scliar apresenta, através de comentários e interpretações que geralmente não excedem duas a três páginas, um vasto panorama da medicina e da sua história, sobretudo esta sendo uma história de vozes — as vozes misteriosas do corpo, da alma, da doença, do médico e do escritor. Como numa consulta médica, estas vozes nos falam detalhada forma que cada leitor pode se identificar

com o drama pessoal de cada enfermidade. Aliás, o livro consola o leitor contemporâneo pelo seu retrato íntimo da medicina visto através das suas múltiplas descobertas, errâncias e incertezas, desde a Antiguidade até nossos dias. É a abordagem honesta do perfil da medicina com seus altos e baixos que torna a leitura deste livro tão reveladora, pois demonstra como esta ciência é decididamente humana e que os caminhos para descobrir uma cura passam por um processo longo e árduo.

A partir de um aforismo do famoso Hipócrates, o pai da medicina, Scliar estabelece o tom da narrativa porque ilustra como o exercício da medicina é uma forma de arte: “A vida é curta, a Arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganadora, o julgamento difícil.” Esta ligação ciência/arte percorre o livro e fornece ao seu autor a temática principal para a abordagem literária porque é através do discurso artístico ou memorialista que a medicina e a sua história vão ser articuladas e evocadas humanisticamente.

Desde a Bíblia, onde aprendemos que o Velho Testamento é o domínio da saúde pública em termos de higiene pessoal e ambiental, enquanto o Novo Testamento promove a medicina curativa e individual, o texto escrito é consagrado como uma fonte de conhecimento e revelação. Assim, este volume é repleto de informações sobre curas, superstições, rituais, remédios, magia, anatomia, pestes, tratamentos, epidemias, e sexo — todo o drama do corpo comunicado através de anedotas, crônicas, ficção, explicações etimológicas e análise literária. Com o exemplo de Leonardo Da Vinci a passar noites no necrotério de Santo Spirito em Roma, dissecando cadáveres para identificar estruturas anatômicas como subsídios para a sua arte, é que aprendemos que o tabu do corpo morto é finalmente rompido, representando uma verdadeira vitória do espírito renascentista. Ou durante o século XVIII, como o termo “depressão” desloca a palavra “melancolia”, mas já antes, com o trabalho anterior de Robert Burton

(1577-1640), que escreveu *A anatomiada melancolia*, observamos o advento da psicoterapia evocada nestas belas palavras: “O sofrimento escondido estrangula a alma, mas quando o revelamos a algum amigo discreto, seguro, afetivo, é instantaneamente eliminado. O conselho de um amigo, como o vinho da mandrágora, atenua nossas preocupações.”

Noutra linha, mini-histórias de práticas medicinais contribuem para iluminar aspectos da história de uma cultura, por exemplo, a brasileira que é perfilada como relativamente salubre antes do primeiro contato com o europeu. E a história fascinante dos jesuítas e suas enfermarias que mais tarde deram lugar às santas casas da irmandade da misericórdia fundadas em meados do século XVI. Estas indicações se dirigem a outras, como a regulamentação do exercício da profissão de físico, de cirurgião e de barbeiro que aconteceu no final daquele século. Aliás, algumas das páginas mais interessantes deste volume são aquelas dedicadas ao pioneiro da ciência no Brasil, o sanitarista e pesquisador Oswaldo Gonçalves Cruz, e também a homens como Carlos Chagas, que se aliou ao grupo de Manguinhos. Apesar de ser breve neste volume, a biografia de Oswaldo Cruz pode ser apreciada no romance *Sonhos tropicais* de Moacyr Scliar, quando o autor descreve o drama da Revolta da Vacina de 1904 para mostrar “o pudor de uma sociedade ainda conservadora”. Denominado o introdutor da investigação científica no Brasil, Oswaldo Cruz se distingue na era da revolução pasteuriana. O prestígio da saúde pública brasileira estava no seu auge durante a segunda década deste século, depois da importante contribuição brasileira à medicina — a descoberta da doença de Chagas —, do trabalho da equipe de cientistas comandada por Oswaldo Cruz. Estas páginas demonstram como o saneamento no Brasil foi interpretado como panacéia para os problemas de saúde e que a frase de Miguel Pereira, “O Brasil é um imenso hospital”, mostra-se positiva naquela altura por denunciar as péssimas condições sanitárias do país. Dessa forma, observa-se neste livro as peripécias da “paixão transformada” à brasileira e o drama da realidade sanitária no Brasil.

Na seleção e interpretação de textos que compõem a estrutura e conteúdo básicos deste livro, Moacyr Scliar assume integralmente o

papel de médico-escritor, contribuindo ao mesmo tempo para a crescente literatura de expressão médica. Acompanhado por uma rica bibliografia e ilustrações clássicas que embelezam a edição e dramatizam vários aspectos da medicina mundial, o volume também oferece uma cronologia útil da história da medicina ao lado de uma história geral e literária que ajudam o leitor a seguir os avanços científicos junto com uma história sócio-cultural da humanidade.

Porém, a pesquisa realizada por Moacyr Scliar não teria tanto valor se não tivesse as suas interpretações perspicazes de médico e de escritor. Além disso, a sua seleção sábia de citações literárias ressalta ainda mais o lado humano da história da medicina. E é por aí que Moacyr Scliar manifesta sua originalidade e paixão, sobretudo com a sua análise de textos literários compostos por escritores e escritores-médicos. Estes aparecem no decorrer do livro, mas ocupam a maior parte das últimas quarenta páginas.

Textos como *Doutor Arrowsmith*, de Sinclair Lewis, *A cidadela*, de Archibald Joseph Cronin, e *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, revelam o entusiasmo pela pesquisa, pelo idealismo da medicina e pela missão ou destino social desta profissão. Estas obras transmitem a resistência contra a inevitável comercialização da medicina, mostrando a autêntica paixão que certos homens da ciência sentem e defendem. Ao mesmo tempo, vale destacar como Moacyr Scliar reserva um lugar apropriado para a medicina brasileira dentro da história da medicina universal. As conquistas da medicina brasileira recebem um tratamento adequado neste volume, pois elas são perfiladas para mostrar como o desenvolvimento da medicina e seu prestígio no Brasil refletem a própria experiência cultural e histórica do país. Este prestígio é realçado nas páginas dedicadas a Mário de Andrade e ao seu *Namoros com a medicina* (1939), onde o escritor paulista declara sua grande afinidade com a profissão médica. Ao justapor medicina com musicologia e folclore, Mário demonstra sua erudição quando estabelece uma correspondência entre “ritmos musicais e ritmos orgânicos”. Antropológico, literário e científico, o texto de Mário representa uma curiosidade perante o resto de sua obra e por isso ilustra a admiração que o modernista mantinha

pela profissão de médico até ao ponto de fantasiar estar num hotel ou em qualquer lugar público onde preferiria assinar “dr. Mário” em vez de simplesmente “Mário”.

O capítulo sobre Mário denota esta comunhão entre literatura e medicina como algo especial porque esta serve muitas vezes como alimento para a expressão literária. Nestes momentos, o leitor sente um apelo da parte de Scliar para que o médico adote um papel mais humanista no exercício da sua profissão. Para um médico e literato sensível, a presença do ser humano se assenta não apenas no corpo, mas também na alma do paciente, a zona onde, segundo o médico-escritor norte-americano, William Carlos Williams, “o médico tem a preciosa oportunidade de ver as palavras nascerem”. Aí o poder das metáforas que, segundo Susan Sontag, nasce dos mitos e das fantasias sobre a doença e frequentemente representa uma “consciência coletiva” face a angústia ou depressão que atinge um grande número de pessoas. Certamente é o caso do escritor William Styron que, com seu livro sobre a própria depressão, *Darkness visible*, atingiu uma densa expressão com metáforas penetrantes como a de uma “tempestade uivando no cérebro”. Com esta obra, Styron consagrou o papel importante da literatura porque sublinhou a necessidade de encarar a doença de modo enfático para que seu tratamento e cura possam ser finalmente realizados.

Ao finalizar o livro com um texto do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu, que faleceu de Aids em 1996, Moacyr Scliar indiretamente faz outro apelo para a necessidade de maior conscientização perante a realidade desta doença ubíqua e, sobretudo, em face da cruel hipocrisia que atrasou pesquisas valiosas e prejudicou uma cura mais rápida. Assim, de forma realista, o livro reitera o drama brutal da doença, a vulnerabilidade da medicina e, nesse caso, a perda para a literatura. Em vez de ser uma simples apologia, este livro estabelece um balanço entre os sucessos e as derrotas da medicina. Ao mesmo tempo, como se sentisse obrigado a exercer o ofício de médico-escritor para afastar o desespero e a dor, Moacyr Scliar apropriadamente termina o texto com um to-

que humanista ao empregar estas palavras de Caio Fernando Abreu: “A vida grita. E a luta continua.”

**Nelson H. Vieira**

Pesquisador da Brown University

### **TRIBUTO A VÊNUS: A LUTA CONTRA A SÍFILIS NO BRASIL, DA PASSAGEM DO SÉCULO AOS ANOS 40**

Sérgio Carrara

Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1996,  
327 p.

O trabalho de Carrara aborda as estratégias de combate à sífilis no Brasil ao longo de um período de quase cinquenta anos, do final do século XIX à década de 1940. Operando metodologicamente a partir da perspectiva da história social, o autor analisou uma série extensa de documentos, produzindo um retrato a um tempo abrangente e profundo do seu objeto de estudo.

Este objeto, aparentemente singelo, desdobrou-se numa série de inter-relações, configurando um campo amplo e complexo. Um primeiro ponto a ser observado diz respeito à própria sífilis; ainda que conhecida por centenas de anos já àquela época, a sífilis parece recrudescer, senão em termos epidemiológicos, pelo menos em termos de sua percepção por parte da coletividade. Vários fatores cooperam na retomada de importância deste mal venéreo; a configuração moderna da doença, atribuída a um agente transmissível na esteira dos triunfos alcançados pela bacteriologia em fins do século passado (ainda que o *treponema* só venha a ser identificado em 1905) e prontamente transformado em objeto de um teste laboratorial, a reação de Wassermann, constituiu uma ameaça capaz de alcançar vários órgãos e sistemas do corpo e mesmo a descendência dos indivíduos acometidos pelas suas formas “hereditárias” (hoje diríamos congênitas), espectro pairando por sobre toda a população.